

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 8 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2019

## NUNCA ACHEI FÉ COMO ESTA: MODELO DE FÉ COM BASE EM LUCAS 7.1-10

Never seen faith like this: model of faith based on Luke 7.1-10

*Dr. Antônio Renato Gusso<sup>1</sup>*

*Raul Iê<sup>2</sup>*

### RESUMO

O artigo aborda o tema da fé do centurião romano, um não judeu que contribuiu na construção da sinagoga dos judeus e que também acreditou no poder de Jesus. O objetivo é analisar a possibilidade de, numa sociedade plural, um gentio ter fé em Jesus Cristo. O trabalho, com metodologia bibliográfica (bíblica e extra bíblica), analisa a fé do capitão romano relativo à cura do seu servo enfermo como efeito simplesmente de uma palavra de Jesus, o que chamou a atenção de Jesus pelo fato de ser ele um gentio a demonstrar fé radical nele, numa cidade em que ele era pouco acreditado e

<sup>1</sup>Mestre e Doutor em Ciências da Religião; Bacharel, Mestre, Doutor e Pós-doutor em Teologia. Professor e Pró-reitor no mestrado das Faculdades Batista do Paraná; Professor na Faculdade Batista Pioneira (RS) e na Piedmont International University (USA). E-mail: renatogusso@hotmail.com

<sup>2</sup>Mestrando em Teologia (FABAPAR), Bacharel em Direito (Faculdades Integradas Claretianas), Rio Claro, SP, Brasil. Instituição de origem: Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR), Curitiba, PR, Brasil. E-mail: raiguine@gmail.com

tinha sua identidade questionada.

**Palavras-chaves:** Sociedade Plural. Jesus. Fé. Centurião romano.

## ABSTRACT

The article addresses the theme of the faith of the Roman centurion, a non-jew who contributed to the construction of the synagogue of the Jews and who also believed in the power of Jesus. The objective is to analyze how is possible that, in a plural society, a gentile having faith in Jesus Christ. The work, with bibliographical methodology (biblical and extra biblical), analyzes the faith of the centurion regarding the healing of his sick servant as simply effect of a word of Jesus, which caught the attention of the mater for such a radical faith of a gentile man, in a city in which He was very little believed and had his identity questioned.

**Key words:** Plural Society; Jesus; Faith; Roman Centurion.

## INTRODUÇÃO

O ministério de Jesus quase se resumiu ao território de Israel e, portanto, se esperava que os israelitas tivessem se convencido de que ele fosse o Messias que esperavam. O centurião romano que a princípio solicitou a visita de Jesus à sua casa, quando da sua chegada a Cafarnaum<sup>3</sup>, era um gentio<sup>4</sup> que trabalhava no território judaico.<sup>5</sup> Apesar de ser gentio e reconhecer as suas próprias limitações que esta situação proporcionava, creu em Jesus. Este capitão romano amava muito a nação judaica e, conduzido pelas suas inclinações, se desembarçou da adversidade espiritual do povo judeu e contemplou em Jesus uma autoridade suprema, que compreendeu por analogia à sua própria, uma vez que era um centurião, chefe dos militares.<sup>6</sup>

Ele certamente já havia ouvido falar de Jesus (Lc 7.3), então, reconhecia nele a capacidade e a autoridade para realizar algo extraordinário. Esse

<sup>3</sup>Cafarnaum (Ladeia de Naum) – Uma parte urbanizada e mais admirável da beirada setentrional do mar de Galileia no período neotestamentário é lugar onde Jesus desenvolveu grande parte do seu ministério. Cafarnaum não apareceu no Antigo Testamento, o nome Naum possivelmente não está relacionado com o profeta do Antigo Testamento. Cafarnaum era um lugar bastante grande e importante, pelo que foi chamado ‘a cidade’ (Mt 9.1; Mc 1.33) possuía uma sinagoga, onde Jesus ensinava constantemente (Mc1.22; Lc 4.31-39) (YOUNGBLOOD, 2004, p. 250).

<sup>4</sup>O centurião era gentio – esta expressão não se encontra no texto de Lucas 7.1-10, porém o contexto favorece a afirmação de Tasker.

<sup>5</sup>TASKER, 2006, p. 70.

<sup>6</sup>ROBERTSON, 2013, p. 141.

reconhecimento não advinha de simples imaginação, porém, significava uma fé que nunca fora achada em Israel.<sup>7</sup> Partindo da crença do centurião, que não era judeu, mas que confiava em Jesus, o presente trabalho problematiza os fatores que possibilitam a fé de um não judeu depositada em Jesus Cristo numa sociedade plural e, possui como o objetivo analisar a possibilidade de, numa sociedade plural, um gentio ter fé em Jesus Cristo.

Este artigo reflete sobre essa fé em Jesus, assunto de estudo das Escrituras Sagradas e de várias pesquisas, que continua atraindo o interesse de muitos pesquisadores, levando em consideração que o próprio Jesus disse que ela, a fé, é indispensável para resolver os problemas impossíveis (Mt 17.20). A abordagem da fé no presente trabalho refere-se somente a Jesus. Com simplicidade, a fé possui o sentido de crença – conformar-se ou encarar os ensinamentos da revelação dos evangelhos como verdadeiros.<sup>8</sup> Visto doutra forma, a “fé é uma confiança racional, uma confiança que, em profunda reflexão e certeza, conta o fato de que Deus é digno de todo crédito”.<sup>9</sup>

Amparado em abordagem bibliográfica, o trabalho centra-se no texto de Lucas 7.1-10 com algumas palavras de destaque em língua grega que é a língua original do Evangelho de Lucas. Este Evangelho é usado como a base do presente trabalho, pois exhibe com mais proeminência a fé do gentio numa sociedade plural. Também são usados os textos bíblicos e extra bíblicos para embasamento teórico.

## 1. LENDO E COMPREENDENDO LUCAS 7.1-10

Para melhor compreender o conjunto de elementos relativos à fé do centurião romano, é necessário apresentar o texto bíblico em que se baseia o presente trabalho. Os dois evangelistas: Mateus e Lucas narraram a crença do oficial romano, no entanto, suas narrativas se diferem em alguns detalhes. Mateus registrou o encontro direto entre o centurião e Jesus, também afirmou que Jesus deu uma sentença contra os israelitas e asseverou a participação dos gentios da mesa dos patriarcas (Mt 8.11-12). Por seu turno, Lucas narra que o centurião constituiu intermediários judeus para solicitarem a ajuda de Jesus em seu favor e esses mesmos destacaram o caráter do oficial romano como

<sup>7</sup>DARBY, 1986, p. 59.

<sup>8</sup>LEWIS, 2013, p. 184.

<sup>9</sup>STOTT, 1986, p. 24.

quem fez amizade com judeus e que já os ajudou na construção da sinagoga<sup>10</sup> (Lc 7.3-5).

Proseguindo, é importante que seja visto o texto em questão na narrativa de Lucas, retirada aqui da tradução Almeida Revista e Atualizada:

1 Tendo Jesus concluído todas as suas palavras dirigidas ao povo, entrou em Cafarnaum.

2 E o servo de um centurião, a quem este muito estimava, estava doente, quase à morte.

3 Tendo ouvido falar a respeito de Jesus, enviou-lhe alguns anciãos dos judeus, pedindo-lhe que viesse curar o seu servo.

4 Estes, chegando-se a Jesus, com instância lhe suplicaram, dizendo: Ele é digno de que lhe façam isto;

5 porque é amigo do nosso povo, e ele mesmo nos edificou a sinagoga.

6 Então, Jesus foi com eles. E, já perto da casa, o centurião enviou-lhe amigos para lhe dizer: Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres em minha casa.

7 Por isso, eu mesmo não me julguei digno de ir ter contigo; porém manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado.

8 Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados às minhas ordens, e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz.

9 Ouvidas estas palavras, admirou-se Jesus dele e, voltando-se para o povo que o acompanhava, disse: Afirmo-vos que nem mesmo em Israel achei fé como esta.

10 E, voltando para casa os que foram enviados, encontraram curado o servo.

A expressão “tendo Jesus concluído” (v. 1), neste contexto, não significa necessariamente que Jesus terminou o seu sermão (que é muito similar ao Sermão da Montanha) e, em seguida, se encontrou com os anciãos delegados

<sup>10</sup> A sinagoga para os judeus possui valor que não se pode questionar. Durante os séculos, ela demonstrou sua ação positiva sobre o judaísmo, tornando-se centros para o ensino das escrituras e vida devocional. Sua ação quanto a religiosidade, influenciou outros povos que não eram judeus e suas bases foram implantadas no cristianismo bem como no muçulmanismo. O conceito sinagoga é entidade que existe como povo, assim como o lugar onde as reuniões do povo eram realizadas (GUSO, 2002, p. 76). A palavra Sinagoga é derivada do grego *synagoge* ('conduzir ou trazer junto') e tem o sentido de uma assembleia na qual as pessoas tomam as decisões, quer religiosas quer não. Com o passar do tempo o conceito passou a ter o significado especificamente para as reuniões dos judeus (YOUNGBLOOD, 2004, p. 1342).

pelo centurião, mas ela se refere à questão “temporal”<sup>11</sup>, possivelmente, Jesus terminou o seu ensino e passou alguns dias, para depois se encontrar com a delegação dos anciãos judeus.

No Evangelho de Lucas, ironicamente, a primeira referência à fé é a cena do centurião, um gentio que acreditava que Jesus pode operar milagre mesmo a distância, diferentemente dos israelitas que sempre pediam sinais para crer.<sup>12</sup> Também é nesse evento e na terra natal do próprio Jesus, depois da pregação e incredulidade dos judeus, que ele (Jesus) manifestou sua admiração pela incredulidade dos judeus (Mc 6.1-6). Igualmente, é só nesse evento que se observa um capitão dos soldados se preocupar com o seu servo, o que mostra que aquele considerava a personalidade deste, fato que registrou uma diferença naquele contexto arcaico, bem como na atualidade.

### 1.1 O CENTURIÃO (HEKATONTARCHOS – ἑκατόνταρχος)

De maneira especial, o centurião era o oficial responsável por dirigir um conjunto de cem soldados romanos e que consistia a unidade básica de uma legião.<sup>13</sup> O termo grego *hekatontarchos* (ἑκατόνταρχος) também possui o sentido de capitão<sup>14</sup> e a quantidade dos seus soldados sob seu comando, às vezes, variava em conformidade com a de uma legião.<sup>15</sup> Conforme Vasques, “Nos primeiros séculos da dominação romana, eram os centuriões que faziam a ligação da comunidade com o poder central, e os soldados viviam dispersos entre a população das aldeias e cidades”.<sup>16</sup>

É importante notar que, como a Galileia não se encontrava sob administração direta de Roma, o centurião estava a serviço de Herodes Antipas, que harmonizava assistência acautelada aos cobradores dos impostos de entradas e saídas de mercadorias para o exterior.<sup>17</sup>

O Novo Testamento mencionou vários centuriões com comportamento de religiosidade e caridade. Cornélio era gentio, no entanto, monoteísta, pois seguia a regra religiosa instituída nos livros das leis judaicas (At 10.1-2); Júlio, quando levava Paulo para Roma lhe tratava com toda humildade e, quando

<sup>11</sup> RIENECKER; ROGERS, 1985, p. 116.

<sup>12</sup> BROWN, 2007, p. 937.

<sup>13</sup> ROBERTSON, 2013, p. 140; RIENECKER, 1998, p. 130.

<sup>14</sup> GINGRICH, 1993, p. 66.

<sup>15</sup> ALLEN, 1994, p. 85.

<sup>16</sup> VASQUES, 2014, p. 58.

<sup>17</sup> ALLEN, 1994, p. 85.

o navio estava a naufragar, os soldados queriam matar todos os prisioneiros, mas o centurião Júlio não permitiu tal ação para poupar a vida de Paulo (At 27.43).

No capítulo 7 do Evangelho de Lucas, o centurião romano constituiu mediadores entre ele e Jesus, uma delegação de anciãos judeus, a qual achava que o romano merecia ajuda por ser amigo dos judeus, fato que evidenciara ao contribuir na construção da sinagoga. Num período posterior, após ouvir os anciãos delegados, Jesus decidiu partir à casa dele, no entanto, ele manifestou sua indignidade de receber Jesus sob seu teto<sup>18</sup>, inobstante a sua posição de domínio sobre Israel. E esse fato sugere que possui uma disposição interior que convém na presença do Messias.

O centurião possuía noção da inconveniência de suas raízes, o não judeu na presença do Senhor Jesus, contudo, ciente de que Deus providenciara que a salvação viesse pelos judeus (Jo 4.22), ele tinha um sentimento específico de estima pelas características reais e adorativas dos judeus, o que facilitou que demonstrasse, ante o Cristo, uma fé total na autoridade das palavras que o dono da salvação poderia proferir. Então solicitou que Jesus somente ordenasse<sup>19</sup>, ao invés de caminhar até a casa dele.

A surpreendente crença do oficial romano se baseava na sua compreensão da autoridade da palavra de Jesus, o que sua realidade de chefe que é obedecido ilustrava em sua mente. Ele cria que somente uma palavra de Jesus já bastava para curar o seu servo, e que ir até sua casa era dispensável justamente devido à sua autoridade. Ele sabia disso porque suas próprias ordens eram obedecidas de maneira pontual. Os soldados sob o seu comando aceitam ir e vir, inclusive fazem o que ele manda e nunca houve a expressão, eu recuso esta ordem, pois todos obedecem de imediato sem questionar.<sup>20</sup> Lucas, portanto, coloca seus leitores diante de duas autoridades, uma celeste e eterna e outra terrena e temporal. O oficial é um homem, mas Jesus é o Senhor; ele é hierarquicamente inferior e dependente de alguém, pois ele presta as contas à sua autoridade, mas Jesus é o Senhor acima de tudo; o romano tinha poucos soldados sob o seu comando, porém, tudo e todos se subordinam ao comando de Jesus. E, inclusive, o fato de recorrer ao Cristo e

<sup>18</sup>TASKER, 2006, p. 71.

<sup>19</sup>ALEXANDER, 1955, p. 63.

<sup>20</sup>RIENECKER, 1998, p. 134.

ter rogado (e não ordenado) seu poder para beneficiar o seu servo demonstra essa subordinação de todos, inclusive autoridades terrenas, ao Cristo e da sua superioridade imensurável. A subordinação do centurião é positiva, porque foi gerada pela sua fé em Jesus. E isso faz toda a diferença, sobretudo, porque, ironicamente, contrastava radicalmente com a incredulidade dos judeus que rodeavam-lhe e que talvez faziam parte do grupo de intermediadores judeus que ele havia enviado a Jesus.<sup>21</sup>

## 1.2 A FÉ (*PISTIS* – πιστις)

Lucas mencionou *pistis* (πιστις), ou seja, a “fé”, pela primeira vez, nesse evento de alguém que não faz parte do povo escolhido — os judeus. No grego clássico, o termo *pistis* significa a confiança que alguém pode depositar nos seres humanos ou nas divindades. Na tradição dos evangelhos sinóticos, as referências dos eventos milagrosos são associadas com *pistis* (a “fé”) da pessoa enferma ou de alguém que estava ao seu lado.<sup>22</sup> A *pistis* do oficial romano demonstra seu fervor pela divindade até então, supostamente, judaica e isso pode servir de exemplo aos povos que não são descendentes de Abraão ou povos não escolhidos indiciando que podem fazer parte da comunidade dos escolhidos. A fé é a crença na possibilidade de que tudo que se relaciona com Deus é estável e se cumprirá, isto é, juramentos e profecias, de igual modo, é o convencimento interno, pelo Espírito Santo, acerca da existência e da realidade de Deus. E nesse gentio encontrando Jesus, observa-se que a *pistis* cumpre todas essas noções. É verdade também que a fé, como no caso de uma palavra de Jesus falada a distância produziu efeito desejado, harmoniza a compreensão de fatos que não podem ser esclarecidos pela razão.<sup>23</sup>

Tanto a visão quanto o conhecimento devem ser distinguidos com a fé, ela é do estado moral; distingue-se também da intelectualidade e de algo visível que traz satisfação ao coração e da razão que pode ser usada para convencer, a fé é o efeito do amor, como asseveram Teixeira e Lefèvre:

A fé religiosa e a espiritualidade contribuíram de forma ativa na luta cognitiva dos pacientes e as suas convicções religiosas forneceram significado e perspectiva, permitindo acumular experiência para o enfrentamento

<sup>21</sup> ALEXANDER, 1955, p. 63.

<sup>22</sup> MICHEL, 2007, p. 809,815.

<sup>23</sup> LAUBACH, 2000, p. 183.

da doença.<sup>24</sup>

A fé cristã, na visão de Barth (1996), surge na união, ou seja, na realização do algo em comum entre o crente com o objeto da sua crença. Contudo, a fé não é vista quando aquele que crê simplesmente se identifica com o objeto de sua fé, mas ela é a natureza ou qualidade necessária no relacionamento com o Divino.<sup>25</sup> Partindo desse pressuposto de Barth, pode-se asseverar que a fé do centurião surgiu no encontro com a sua compreensão do poder de Jesus, por isso dispensou a ida de Jesus até sua casa.

Jesus experimentou o sentimento de surpresa diante do oficial romano. O assunto fundamental é evidente: a dimensão da fé de um gentio é igual a dos judeus e, em certos casos, pode superar a fé dos judeus. No texto em questão, encontra-se um argumento incontornável: a falta de fé dos israelitas diante das boas novas pregadas pelo Messias contrastando-se com a reação positiva dos gentios perante o evangelho.<sup>26</sup>

O centurião possuía uma crença que lhe garantiu o pedido feito a Jesus e, quando este manifestou sua surpresa com a dimensão de fé nunca vista em Israel, o servo foi curado. Sua admiração ressalta a fé do centurião, elemento necessário para o milagre que foi pedido. No Evangelho de Mateus, em 8.5-13, a fé que os gentios demonstraram lhes fará mercedores do reino dos céus que será firmado por Jesus.

A grande crença do centurião baseado na sua visão do Messias não possui uma explicação baseada nas experiências exigidas pelo secularismo<sup>27</sup>, mas surpreendeu Jesus como nunca antes em Israel, pelo que o próprio Jesus exclamou na presença dos que estavam lhe acompanhando naquela missão nobre.

### 1.3 SOCIEDADE PLURAL

Na era atual, a realidade dos seres humanos possui uma dimensão da pluralidade que está além do que João Paulo II podia imaginar.<sup>28</sup> Os elementos de identificação da sociedade plural multiplicam-se de forma assustadora: o aumento das relações entre os países a partir da redução das suas influências

<sup>24</sup> TEIXEIRA; LEFÈVRE, 2008, p. 1248.

<sup>25</sup> BARTH, 1996, p. 65.

<sup>26</sup> EVANS, 1996, p. 131.

<sup>27</sup> KELLER, 2018, p. 54.

<sup>28</sup> MARTÍNEZ; SPICA, 2014, p. 90.



econômicas, sociais, culturais e políticas alastraram-se e cruzam-se através de suas diversas culturas, por isso, surgem numerosas diversidades culturais, o que enquadra até a religião.<sup>29</sup>

A Palestina dos dias de Jesus era uma sociedade plural. O próprio centurião tinha noção do intenso sentimento de desrespeito, ódio e manifestação ostensiva de desdém com que os romanos apreciavam os Judeus. Também tinha noção do ódio intenso dos judeus contra qualquer gentio, no entanto, ele foi nomeado chefe da ordem superior na terra dessa raça e sua fé lançou luz com intensa claridade<sup>30</sup> no meio dos que deveriam naturalmente crer, mas descriam. Pereira e Bahia (2011) notam que “nos tempos hodiernos, é pensamento corrente que para se viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem”.<sup>31</sup>

Na presente era, o processo de globalização fortaleceu o pluralismo, em especial, a diversidade religiosa. Esta pluralidade trouxe uma nova forma de portar as boas novas, visto que as colocou em diálogo com as outras religiões e formas plurais de vida. Diante disso, os portadores das boas novas toleram as outras religiões. Embora o Cristianismo se coloque numa questão delicada por causa disso, (re)organiza a sua identidade e se lança de novo para o futuro.<sup>32</sup> O próprio cristianismo contribui na instrução para a compreensão da sociedade plural dos dias atuais, pois, no geral, reconhece que existem outras religiões as quais naturalmente são respeitadas.

## **2. A FÉ DO GENTIO NUMA SOCIEDADE PLURAL (UMA ABORDAGEM DE LUCAS 7.1-10)**

O posicionamento do cristianismo na sociedade plural pode depender de embasamento e substância, algo que a reflexão do pensamento lucano a respeito do pedido do centurião a Jesus e da totalidade dessa cena pode mostrar de maneira sugestiva.

### **2.1 O CENTURIÃO OUVIU FALAR DE JESUS (LC 7.3)**

A sinagoga que o centurião construiu (Lc 7.5) evidencia a amistosa relação

<sup>29</sup> GRUEN, 1997, p. 29-30.

<sup>30</sup> RIENECKER, 1998, p. 132.

<sup>31</sup> PEREIRA; BAHIA, 2011, p. 52.

<sup>32</sup> VILLASENOR, 2016, p. 317.

que mantinha com os judeus em Cafarnaum. Nessa relação e devido a sua residência naquela localidade, o romano, provavelmente, tenha escutado dos judeus sobre a vinda do Messias, o que talvez tenha despertado nele a ânsia de compreender e aceitar a força invisível que Jesus poderia operar em cada circunstância. Assim sendo, ele ficou livre de qualquer intenção de provocar riso ou escárnio acerca de sua fé em Jesus. Além de seu bom relacionamento com os judeus, ele era amigo dos seus servos e tinha grande sentimento de apreço em relação a eles, pelo que agiu para que o seu servo não viesse a falecer.

Crer no evangelho está sujeito a ouvir: “a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Rm 10.17). Isto é, ter fé *no logos* que é Cristo. A pregação conduz ao ouvir e o ouvir a ter fé.<sup>33</sup> É provável que o centurião tenha presenciado a cura de um endemoninhado na sinagoga de Cafarnaum, ou que tenha ouvido alguém falar de Jesus (Lc 4.31-37), o que o levou a acreditar em Jesus (Certamente as notícias haviam sido ouvidas em toda a vizinhança - Lc 4.37). Quando alguém ouve o Evangelho, se sente convocado para crer no que ouviu. O ouvir supera o simplesmente escutar, ouvir o Evangelho é ouvir a palavra dita pelo Senhor ou pelos seus enviados, o que envolve toda expressão *do logos*; o Messias está acima de representação mental de algo concreto ou uma proposição que se expõe para ser defendida, o Messias é vivo e real, ele pode ser visto e percebido, é o verbo que estava com Deus no princípio, o qual se fez humano.<sup>34</sup>

A fé do centurião provoca estupefação justamente porque põe em evidência um tipo de crer enraizado no poder do verbo, do logos de Deus, o mesmo logos que criou o mundo e que agora era crido e rogado para operar o milagre da cura, na ausência física do falante, que é Jesus — que é o próprio *verbum Dei*. O centurião mostrou a todos com a sua fé inesperada que a palavra do messias tem poder e ao permitir isso, serviu de instrumento para a revelação do carácter messiânico de Jesus.

## 2.2 NÃO MEREÇO QUE ENTRES NA MINHA CASA (LC 7.4-6)

Quando o centurião enviou os anciãos judeus a solicitar auxílio a Jesus, eles tinham em seus pensamentos que o romano era digno (*axios* – *ἄξιος*) de

<sup>33</sup> STOTT, 2003, p. 184.

<sup>34</sup> ADAM, 2013, p. 163.

receber o auxílio dele. *Axios* “é um termo relativo, que compara duas entidades (pessoas ou objetos) por meio de medir a menor em contraste com a maior. Se a menor chega até ao padrão da maior, é digna; senão, é indigna”.<sup>35</sup> Para os anciãos, ele era merecedor da ajuda de Jesus, pois, embora gentio, sempre demonstrara lealdade aos judeus e contribuíra na construção de sinagoga para adoração de seu Deus, sinagoga tal que também era frequentado por Jesus e seus seguidores. Baseado na ação do centurião, que podia ser descrito como alguém que “tem temor a Deus” porque agiu como se fosse um judeu, se um judeu é julgado merecedor de ajuda divina, o centurião o é também, então, no entendimento deles, Jesus deveria prestar tal ajuda.<sup>36</sup> Eles se dirigiram a Jesus e proferiram tais palavras para conseguir a ajuda necessária.

Após ter escutado essas palavras, Jesus achou por bem responder a necessidade que lhe foi apresentada, assim sendo, foi com os anciãos e, quando se aproximava da casa, se encontrou com a segunda comissão constituída de amigos, a qual lhe disse: *Senhor não se aborrece, pois não sou digno de que entres no meu teto* (v. 7); o termo é *anaxios* (ἀνάξιος) e tem o significado negativo, ou seja, indigno.<sup>37</sup> Esta segunda ação prova a humildade do centurião. Ele achava-se, contrário àquilo que os judeus pensavam dele, indigno diante de Jesus.

Entrar sob teto de povos distintos do povo israelita era visto como uma contaminação para os judeus, esse motivo talvez embase a resposta submissa: “não mereço que entres na minha casa” (v. 6). O oficial talvez estivesse a pensar o seguinte: seria inconveniente ter o Senhor Jesus, que é um judeu, na minha residência, ou: será que alguém ficaria indignado e exigiria que respondesse pelas minhas próprias ações, se eu permitisse um judeu entrar sob meu teto? Estas questões seriam a forma como muitos pensariam na presente era.<sup>38</sup>

Ser humilde como este oficial romano é reconhecer sua carência espiritual perante Deus. Se o centurião não tivesse fé e não fosse humilde, nem a sua bravura e autoridade lhe concederiam a cura do seu servo, fato comprovado na seguinte expressão: “manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado” (Lc 7.7). Não existe algo que conquiste os favores divinos senão o reduzir-se a

<sup>35</sup>TIEDTKE, 2007, p. 2105.

<sup>36</sup>RIENECKER, 1998, p. 133.

<sup>37</sup>TIEDTKE, 2007, p. 2105.

<sup>38</sup>RIENECKER, 1998, p. 134.

nada e descansar na graça divina, a qual outorga o valor, e faz o seres humanos merecedores de sua comunhão.<sup>39</sup>

Existiam e ainda existem ideias de que os fatos desse mundo se encontram debaixo da sorte e do poder Divino, tanto é que o conhecimento dos homens e a ciência não são capazes de mudá-los. Na verdade, não existe forma de resolver o problema de oposição à vontade superior do acaso, assim, é inútil o esforço do ser humano.<sup>40</sup> Embora Machiavelli afirme que essa opinião deva ser admitida cinquenta por cento ou um pouco mais, ele concorda que era o que todos aceitavam na sua época, o que demonstra que, no contexto que Machiavelli vivia, as pessoas eram humildes e sentiam que existe algo superior que muda o destino das coisas.

Ao expressar que não era digno de receber Jesus em sua casa, o romano não estava apenas se colocando em oposição à sua gentilidade, mas também a reconhecer em Jesus as características divinas e a sua autoridade ou senhorio superiores. Assim, apesar de ser ele mesmo o gentio, um forasteiro que habita na terra judaica, foi ele quem submeteu-se a Cristo e não Cristo quem se submeteu a ele. Isso foi o que o dignificou, essa recepção de Jesus, pela fé somente. Foi por isso que Deus o fez alvo das orações de Jesus em seu coração e na saúde dos seus subordinados.<sup>41</sup> Pensando no tempo hodierno, vale dizer que é indispensável a natureza dessa humildade do centurião nos líderes, em cada instituição ou país, pois somente com esse espírito de humildade que se alcança a fé que observa o agir de Deus, mesmo sendo ela invisível e difícil de ser provada pela razão, justamente porque a própria essência da crença na existência de um poder superior não pode ser demonstrada pelo conceito, porém pela forma como impulsiona o ser humano.<sup>42</sup>

Vivendo na pluralidade religiosa da sociedade atual, os cristãos não precisam forçar sua entrada na casa das pessoas e nem forçar ninguém a entrar em sua casa ou seus templos. O Cristianismo é compatível, em qualquer tipo de sociedade, com o tipo de fé do centurião, submissão a Jesus de maneira extraordinária, sem necessidade de pressões, apenas com o uso da palavra. Isso também mostra que viver no pluralismo religioso não

---

<sup>39</sup>TIEDTKE, 2007, p. 2106.

<sup>40</sup>MACHIAVELLI, 2009, p. 216.

<sup>41</sup>RIENECKER, 1998, p. 134.

<sup>42</sup>ALVES, 2013, p. 33.

significa confundir-se com as outras religiões, mas humildemente mostrar o senhorio e superioridade de Jesus e receber os que livremente manifestarem a fé no Cristo. Isso não fere a pluralidade, pelo contrário, é sua confirmação, no sentido de que, só se pode falar de tolerância se poder tolerar migração/mudança religiosa, de uma expressão religiosa para outra. Esse é o desafio da sociedade plural e dos cristãos: amar e não odiar os que não caminham consigo na mesma trilha. Essa migração/mudança religiosa ou de objeto de crença é algo natural em realidades gentílica, portanto, tolerá-la é a atitude mais lógica que a sociedade pode adotar.<sup>43</sup>

### 2.3 DIZE UMA PALAVRA, O MEU EMPREGADO FICARÁ BOM (LC 7.7-9)

O oficial solicitou que Jesus mandasse somente uma palavra (*álla eípé lógo* – *άλλα ειπέ λόγω*). O sentido disso é: “dize, porém, uma palavra”.<sup>44</sup> Como salientou-se acima, a fé do centurião foi auxiliada pela sua própria posição de autoridade militar: ele tinha os superiores que lhe mandavam fazer tarefas, as quais eram feitas com esmero. Ele sabia que era assim a vida de soldado, isto é, atender às ordens sem questionar alguma coisa a respeito, também dirigia ordens aos seus subordinados, os quais atuavam como ele ordenava.<sup>45</sup>

Partindo do princípio de mandar e obedecer, que existe entre o oficial e o seu subordinado, o centurião acreditou que Jesus, apenas com as suas palavras, podia ordenar cura ao seu servo enfermo, e que isso aconteceria. Não existia dúvidas para o centurião. Inclusive, para ele, a distância não era problema, ou seja, acreditava que a ordem de Jesus superava qualquer distância e agia no mundo invisível.<sup>46</sup> Isso também constitui uma forte razão para aquiescer que o centurião, provavelmente, tinha certeza de que Jesus era o Messias esperado pelos Judeus. Ou seja, o redentor prometido por Deus para redimir toda humanidade. Ordens são as normas, fundamentos ou ordenações principais constituídas e que regularizam procedimentos.<sup>47</sup> Assim, as ordens do centurião que estão relacionadas à obediência dos soldados, são as leis justas que dirigem os militares, para que seus relacionamentos sejam bem-sucedidos, e a ignorância das mesmas pode ter consequências desastrosas.

<sup>43</sup> RIENECKER, 1998, p. 133.

<sup>44</sup> ROBERTSON, 2013, p. 142.

<sup>45</sup> RIENECKER, 1998, p. 134.

<sup>46</sup> ROBERTSON, 2013, p. 142.

<sup>47</sup> ESSER, 2007, p. 1243.

Em relação à necessidade do centurião, somente o Messias é habilitado a satisfazê-la, o seu pedido exigia uma habilidade que um homem não possui, ou seja, envolve o poder sobre a enfermidade e autoridade a ser obedecida.<sup>48</sup>

A expressão “eu tenho soldados às minhas ordens” (Lc 7.8) demonstra que ele tinha compreensão do que é ordenar no campo divino. A partir de sua vida como soldado, observou nos poderes que lhe conferia o cargo de capitão, uma figura simbólica do poder divino exercido no mundo, ele estava ciente dos poderes que podia exercer, assim, análogo a isso, compreendeu que Jesus, origem de toda autoridade e poder, tinha poder e autoridade igual de mandar e ser obedecido. Contudo, o alvo da ordem, a enfermidade, e a distância do Cristo em relação ao enfermo, mostraram que o romano, na verdade, tinha uma fé que superava a sua própria analogia, ou seja, ele solicitava uma autoridade e poder superiores a dele, sobrenaturais.<sup>49</sup> Esse fato, junto com o seu pedido de que Jesus dispensasse ir até sua casa por ser poderoso para curar a distância, demonstra que o centurião percebeu e expressou a superioridade de Jesus inclusive em relação a si próprio, uma vez que o seu poder militar não tinha a característica que a enfermidade do seu servo demandava, caso contrário, ele próprio teria ordenado cura sobre seu servo.

Casos como estes ultrapassam o aspecto natural do mundo e nem são susceptíveis à comprovação baseada na experiência que se exige na era secular. Na ciência, presume-se um motivo natural para cada acontecimento, mas, no fato da fé do centurião romano, os motivos vão além dos naturais, e a Bíblia contém provas do cenário relativo aos dias de Jesus em Palestina e ainda vale frisar que, no que diz respeito aos atos sobrenaturais, as ciências não conseguem compreendê-las<sup>50</sup>, exatamente por serem sobrenaturais.

Como foi dito acima, a fé do centurião provocou admiração. E é mesmo admirável que um gentio e não um judeu tenha tido esse tipo de reação à pessoa e poder de Jesus, fazendo com que a sua petição servisse de oportunidade ou meio para a demonstração pública do poder de Jesus numa localidade — Cafarnaum — famosa por sua incredulidade e desprezo a Jesus, apesar dos vários atos miraculosos por este ali realizados.<sup>51</sup> Desta cidade foi dita por

<sup>48</sup> ROBERTSON, 2013, p. 142-143.

<sup>49</sup> RIENECKER, 2005, p. 172.

<sup>50</sup> KELLER, 2018, p. 54.

<sup>51</sup> ALEXANDER, 1955, p. 62.

Jesus o que é possível ler em Mateus 11.23-24:

Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo (Mt 11.23-24).

A admiração de Jesus, portanto, é por causa da espontaneidade de um homem gentio, que nunca aderira à prática judaica e, oficialmente, nem tinha relação com o Deus adorado pelos judeus. Apegado ainda com a gentilidade, na qual foi educado, o oficial nem se perturbou em saber se existia a possibilidade de Jesus curar um enfermo colocando as mãos nele e muito menos a distância, somente acreditou que a palavra do Messias resolveria o problema se este quisesse exercer seu poder em resposta ao humilde rogo em prol do seu servo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A amizade do centurião com os judeus facilitou sua chegada a Jesus; aqueles levaram-no a este, o que serviu-lhe de benefício para si e para seu servo enfermo, que foi curado pela palavra milagrosa de Jesus. A amizade o introduziu numa relação com Jesus pela sua fé.

No senso comum da cultura judaica, quem constrói uma sinagoga, faz parte da mesma,<sup>52</sup> o que significa que o oficial romano pertencia à sinagoga que havia beneficiado os judeus. Sendo assim, seu merecimento foi enfatizado para demonstrar que ele era igual aos judeus; e, para que não perdesse o servo a quem amava, rogaram a Jesus com instância (Lc 7.4), porque o tempo era curto.

Mas essa intermediação não velava senão uma humildade radical de um homem de status social considerável, mas que não se achava digno do Messias, contrastando com os judeus cuja postura mostrava que achavam-se dignos dele, somente porque fora-lhes prometido por Deus. Como foi dito: “não mereço que entres na minha casa” (v. 6). Também carrega consigo a radical fé que o levava a crer que o poder de Jesus superava qualquer contingência, fé que resultou na cura do seu servo. O que possibilitou a fé do centurião, pode-se dizer, foi o fato de ouvir sobre os milagres operados por Jesus, coisa que era muito popular em Cafarnaum; aceitar as diferenças existentes entre

<sup>52</sup>RIENECKER, 1998, p. 133.

o judaísmo e sua própria cultura dentro daquela sociedade plural; abrigar em seu espírito a humildade, pois embora comandante de um grupo de soldados do poderoso Império que dominava o mundo de então, ele abraçou a cultura judaica e abraçou uma fé e um povo menosprezado pelo povo a quem pertencia e pelo poder que ele mesmo representava em Cafarnaum.

Com base no texto aqui analisado é possível concluir: A mensagem da fé em Jesus está disponível a todas as pessoas. Sim, ele veio primeiramente para os judeus, mas a fé nele não está limitada a este ou qualquer outro povo. Inclusive, pode-se encontrar maior fé entre os que menos se espera, como foi o caso do centurião. Não foi por pouco que Jesus se surpreendeu, se é que ele possa se surpreender realmente, mas foi pela humilde demonstração de fé inabalável por parte desse homem. Fé que leva seu possuidor se reconhecer como indigno diante de Cristo; fé que leva seu possuidor a reconhecer o poder e a autoridade de Jesus sobre forças espirituais, como a autoridade de um comandante que dá ordens aos seus subordinados. Sim, pode-se dizer que a fé do centurião apresentado em Lucas 7.1-10 serve como um modelo, pois nas palavras de Jesus, segundo o texto analisado, nem mesmo em Israel foi encontrada por ele fé como a daquele estrangeiro.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. **Estudos Teológicos**, v. 53, n. 1, p. 160-175, 2013.

ALEXANDER, H. E. **Evangelho Segundo Lucas ou o Filho do Homem que veio buscar e salvar o que se havia perdido**. São Paulo: Casa da Bíblia, 1955.

ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento. Lucas – João**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. Vol. 9.

ALVES, Rubem. **O que é religião?** Cidade: Loyola, 2013.

BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. Tradução de Lindolfo Weingartner. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.



BORG, Marcus J. **Meeting Jesus again for the first time: the historical Jesus & the heart of contemporary faith.** New York: Harper San Francisco, 1994.

BROWN, C. *Polemos* (guerra). In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

**CONCORDÂNCIA Fiel do Novo Testamento Grego Português.** São José dos Campos: Fiel, 1994. Vol. I.

CRAIG, William Lane. **A razão da nossa fé: respostas difíceis sobre Deus, o cristianismo e a Bíblia.** Tradução de Vitor Grando. São Paulo: Vida Nova, 2018.

DARBY, J. N. **Estudo sobre a palavra de Deus: Lucas – João.** Tradução de Martins do Vale. Lisboa: Editora, 1986.

ESSER, H. H. *entolè* (mandamento). In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

EVANS, Craig A. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo – Lucas.** Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1996.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento grego / português.** Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GRUEN, Wolfgang. Irradiar a fé cristã na sociedade hoje. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião.** v. 1, n. 1, p. 27-40, 1997.

GUSSO, Antônio Renato. A contribuição da sinagoga para o desenvolvimento do cristianismo. **Via Teológica.** n. 5, v. 1, 2002.

HELLINGER, Bert. **Ordens da ajuda**. Patos de Minas: Atman, 2005.

KELLER, Timothy. **Deus na Era Secular**: como céticos podem encontrar sentido no Cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

LAUBACH, Fritz. **Carta aos Hebreus**: Comentário Esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2000.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Tradução de Álvaro Oppermann e Marcelo Brandão Cipolla. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MACHIAVELLI, Niccoló. **O Príncipe**. Tradução de Cândida de Sampaio Bastos. São Paulo: DPL, 2009.

MARTÍNEZ, Horacio Luján; SPICA, Marciano Adilio. **Religião em um Mundo Plural**. Debates desde a Filosofia. 2014.

MICHEL, O. πιστις (pistis) “fé”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

**NOVO Testamento interlinear grego-português**. Baruaeri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

PEREIRA, Graziela Raupp; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco. Direito fundamental à educação, diversidade e homofobia na escola: desafios à construção de um ambiente de aprendizado livre, plural e democrático. **Educar em Revista**, n. 39, p. 51-71, 2011.

QUEZADO, Izabelle et al. Só Jesus na causa: fé e percepção de Crowding em Evento Religioso. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 15, n. 4, p. 486-495, 2016.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chaves linguísticas do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown e Júlio Zabatiero. São Paulo: Vida

Nova, 1985.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2005

ROBERTSON, A. T. **Comentário Lucas à luz do Novo Testamento grego**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

**SAGRADA, BÍBLIA**. Tradução em português por João Ferreira de Almeida. Barueri: SBB, 1993.

**SAGRADA, Bíblia**. Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri: SBB, 2000.

STOTT, John R. W. **Contracultura cristã**: a mensagem do Sermão do Monte. São Paulo: ABU, 1981.

STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. Tradução de Paula Mazzine Mendes. Cidade: editora, 1986. v. 2,

STOTT, John R. W. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêda e Marcos. São Paulo: ABU, 2003.

TASKER, R. V. G. **Mateus**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

TEIXEIRA, Jorge Juarez Vieira; LEFÈVRE, Fernando. Significado da intervenção médica e da fé religiosa para o paciente idoso com câncer. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 1247-1256, 2008.

TIEDTKE, E. ἄξιός (axíós) “digno”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

VASQUES, Marcia Severina. Espaços urbanos e relações de poder no Egito romano. **Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 3, p. 47-64, 2014.

VÉRAS, Renata Meira; VIEIRA, Juna Maria Fernandes; MORAIS, Fátima Raquel Rosado. A maternidade prematura: o suporte emocional através da fé e religiosidade. **Psicol Estud**, v. 15, n. 2, p. 325-32, 2010.

VILLASENOR, Rafael Lopez. Os desafios da Igreja diante da Missão Ad Gentes no mundo globalizado. **Revista de Cultura Teológica**, n. 87, p. 300-327, 2016.

YOUNGBLOOD, Ronald F.; BRUCE, F. F.; HARRISSON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional